

# SANTO ANTÓNIO VOLTOU À SUA TERRA



Fernando (Santos e Castro) homenageia Fernando (Bulhões).

Um grande vulto da civilização portuguesa está agora aqui à porta do "Observador", numa praça que, tendo mudado há muito pouco tempo de designação, bem poderia ter-lhe herdado o nome. Trata-se, como se sabe, de Santo António, de Lisboa e de Pádua, pela ordem, o nosso Santo Antoninho de que o povo lisboeta é devoto para além de toda a literatice, a procura de pitoresco fácil, a falsa cangalhada folclórica que lhe foi sendo associada. Bem o disse Gama Caeiro na alocução que proferiu durante a cerimónia do "descerramento", e que pedia outro ambiente para ser escutada. Porque não o foi, simplesmente, no tumulto do trânsito que não parou de circundar o monumento, a lembrar-nos quanto a praça é pequenina — para o trânsito e para o Santo. Tanto que o número de acidentes aqui ocorridos levou a inevitável sátira alfacinha a alcunhar o Santo de "traumaturgo" — em vez de taumaturgo. Mas isto é outra história. Porque o leitor que nos lê nas distantes paragens da Estrela ou de Belém (não falo da Baixa, porque daí facilmente cá chegará se lhe sobejar o ffsico ou o horário para apanhar o metro), ou da província ou do Ultramar, quererá saber como é realmente o monumento, se "fica bem", se é coisa consentânea com a grandeza do santo. Tentemos responder.

A praça onde ele está é alta, mas reduzida em relação à altura. Quer dizer que, à medida que se for povoando de estabelecimentos (pois, além do mais, é



nova e só agora se localizou cá uma terminal do Metro), vai diminuir de tamanho, vai ficar superpovoada, vai ser mais complicado nela associar. Portanto, o nosso Santo, que tanto associamos à alegria de viver em paz com Deus e com os homens, vai ficar incrustado em pleno



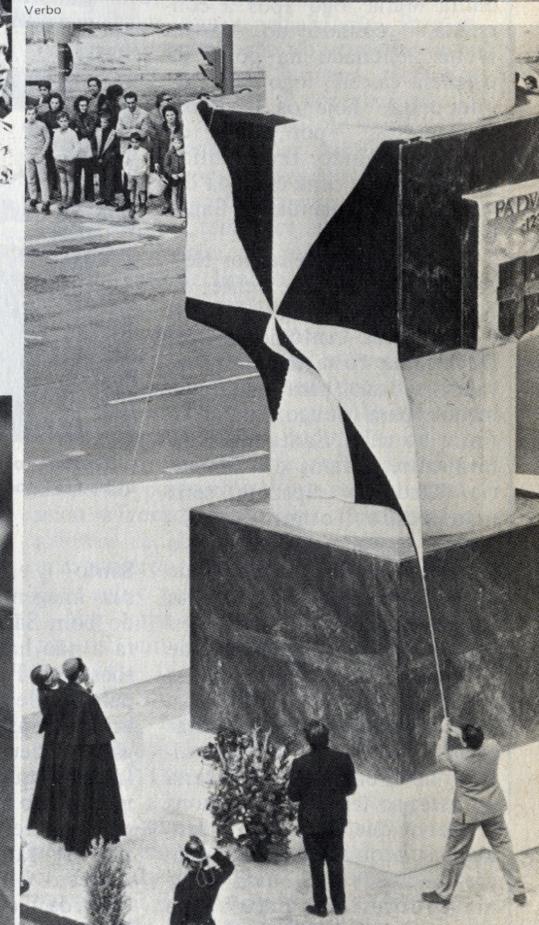
A nossa reportagem acompanhou o acontecimento desde a primeira pedra até à inauguração. Lisboa fica a dever a António Duarte (à dir.) um dos seus mais belos monumentos.

mau-humor, num quisto de lufa-lufa, tanto mais embirrenta quanto era escusada. Sendo assim, é fácil calcular como a sua presença, se é benquista em todas as suas implicações espirituais, é ligeiramente embaraçante em termos de condução automóvel, obriga a voltinhas, empata, e



vai custar muito dinheiro daqui a meio ano, quando as autoridades descobrirem que afinal estavam erradas. E, em silêncio, nós pagaremos. O costume.

E agora, o monumento: divide-se em estátua e pedestal, como é de ver. E se o pedestal parece construído numa ampliação do "Lego" com que as crianças fazem construções (cubos pretos de mármore polido alternando com cilindros brancos), a estátua do santo, que levanta o braço direito em gesto de pregador e olha para baixo, parecendo figurar a tradicional pregação aos peixes, essa é realmente uma estátua digna desse nome, obra de escultura que (desculpem o lugar-comum) veio "enriquecer a cida-



de". António Duarte a esculpiu, e deve ter sentido quão mais fácil é vestir uma escultura humana com um hábito, como se impunha. Pois está logo de início vencida a dificuldade que teve para vestir Camilo Castelo Branco, que está noutro largo da cidade, também pequeno demais para a grandeza do escritor. Por tal sinal.

Por baixo da peanha não há lago nem peixes (adequando, talvez, o enquadramento à intenção do escultor), mas um quadrado de mármore com os ângulos boleados, a tornar ainda mais pequena a rodelazinha destinada aos carros.

E assim vai Lisboa — com a saia cor do mar cada vez mais longe.

# A MOCIDADE DE LISBOETA DE FERNANDO MARTINS BULHÕES

Quem sobe, passa à esquerda; quem desce, passa à direita. Em frente, na rampa íngreme (já adoçada pela urbanização) da calçada da Igreja de Santa Maria, Sé de Lisboa chamada, porque, estando sob o orago de Santa Maria, é também sede da igreja diocesana de Lisboa. Santa Maria veio do Norte, e Lisboa foi votada a Santa Maria logo após a conquista — coitado do Martim Moniz, entalado na porta da cidadela castelã, logo acima de onde estão hoje os pavilhões dos logistas! — por quem, de Guimarães vindo, tinha obtido a boa sina de uma cruzada em viagem, na demanda do Santo Graal.

Pois, aí, na ladeira dos eléctricos, mesmo em frente do busto do actor Augusto Rosa, é que Santo António nasceu. De alguma coisa lhe havia de valer, se não para mal, pelo menos para pouco bem. Ao fim e ao cabo, Santa Maria estava entre Alfama e a Mouraria. Onde o rapazote seria conhecido, como tantos outros, porque, ao tempo, o parque infantil era a liberdade pura das ruas abertas para as gentes, nanja para os volquesvagenes e outras variedades de cítroenes. Mas, quando, muito mais tarde, em Alfama e Mouraria se começou a constar que o Fernandim (o diminutivo de Fernandinho deveria ser esse, ao tempo) de Bulhons (e dizem que é o Porto a pronunciar esquisito!) fazia milagres nunca vistos, nem pelos mercadores de Itália, nem pelos herejes da Proença (ou Provença?), o santo, se era da porta, estava bem longe. Se os fizesse à porta, seria caso a averiguar. Mas fazia-os, caso a considerar sem delongas. Ai meu santo Antoninho!

De Alfama e da Mouraria se gerou o culto do santinho protector, manjerico na orelha alecrim no rebuço e alcachofra na janela. Não só inteiriçava bilhas partidas mas também resolvia negócios de arrufos (donde virão as arrufadas de Coimbra, se não for a lenda de amor choso que envolve o



O Santo e o povo: diálogo secular que principiou na rampa da Sé de Lisboa, aí por 1190.

Santo?) e, além do mais, a sua imagem ia substituindo a do bom São José, quando desta a não havia, para as procissões dos Passos. Se não fora pai de Jesus, foi amigo de brincadeiras do Menino, que assim o deu a muito boa gente (mesmo quando os sinos das igrejas não podiam tocar, nem os senhores padres vinham à rua de fato de leigo) o sr. Augusto Gil, poeta que foi da Guarda, e da *Balada*, que Villaret sabia dizer com aquela plangência, meu Deus! Não havia escolas como na reforma do ensino há agora, mas os cónegos de Santa Maria (Sé) recebiam meninos para o trívio iniciático: ler, escrever e contar. Era só atravessar a rua. A aula funcionava logo a seguir à pia onde recebera o baptismo. Chamava-se Fernando Martins Bulhões.

Já o menino andava adiantado em letras, e veio a capela de São Mamede. A lenda conta de como o rapaz, indo com o pai, se aproximou da

capela e sentiu grande desejo de ali rezar. Claro. Na perspectiva medieval o santo tem de nascer santo, ou é melhor ir para herói. O rapaz preferiu a santidade, o que não lhe evitou a futura nomeação para oficial honorário do Exército Português, com direitos inerentes à patente, guarda de honra incluída. Mas tudo isso é a mocidade do povo, não a mocidade do senhor doutor Santo António, que é assim ainda tratado em certos lugarejos fora das vias das comunidades económicas europeias, onde do Santo se sabe mais história que na sua terra natal.

Pelos quinze anos, adolescentes, quiseram-no os senhores Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, cujo hábito era mui belo e cécio, e que tinham casa a São Vicente de Fora de Portas. Exactamente à nossa Feira da Ladra. Acima dos Caminhos-de-Ferro, que não havia, só os de São Tiago. Da Sé a São Vicente medeava São Tomé (sem eléctrico, cla-

ro!), um saltinho. Possivelmente continuava sendo “menino do coro” em Santa Maria, por voto paternal. Não se sabe. Mas os meninos do coro que ainda há (até quando, santa conciliar progressão?) na Sé, vestem como vestiria o Fernando, a quem, sob a invocação de Santo, veneram e festejam. É a imagem que do Santo há na Sé, vestida, de batina e roquete.

São Vicente de Fora de Portas tinha sido povoado por ilustre varão português da universal santidade, São Teotónio, algarvio de boa gente, de bons modos, o que tudo coincidia com os sonhos da mãe de Fernando em ver o rapaz padre, contra o pai, que o queria noutra carreira. E depois de tudo bem aprendido em São Vicente, trívio e quadrívio inclusos, se partiu para Coimbra, onde foi ordenado sacerdote, com fama de homem sábio. Lisboa o criou, de Lisboa saiu, para nunca mais. Abandonada a ordem dos Agostinhos pela mística do franciscanismo (e tudo o mais que este trazia, a pontos de conjecturarmos que um Jaime Cortesão não recearia pôr o Santo na linha da tradição que levou aos Descobrimentos, o que certamente crê o nosso Agostinho da Silva), não voltou ele, mas voltaram seus irmãos, seus “fraticelli”, os primeiros “fraires” do senhor São Francisco, que moravam em Santo Antão dos Olivais, que é hoje um bairro cidadão, e que tinha aquedutos, viadutos, capelas senhoriais, paços episcopais e câmaras municipais. É um bairro de Lisboa. Agora.

Nunca mais voltou a Lisboa: é o que diz a história visível. A história invisível reza que ele veio milagrosamente a Lisboa, uma vez para salvar o pai da morte, conforme corre em belo cancionero popular, que termina: “Santo António é tão Santo,/Que livrou seu pai da morte;/Bem podia, se quisesse,/Dar-me uma bonita sorte.”

PINHARANDA GOMES